

Ingeborg Bachmann

Matheus Guménin Barreto (doutorando do DLM/USP)
3 de dezembro de 2018 – e-mail: matheus.barreto@usp.br



Percurso da aula

- 1 – Apresentação de dados pontuais (datas, publicações, vivência no exterior)
- 2 – Aspectos gerais da obra de Bachmann (recepção crítica de sua obra, pressupostos teóricos da autora, traços recorrentes ao longo dos anos e dos gêneros textuais)
- 3 – Análise breve do poema “Die gestundete Zeit”
- 4 – Análise breve do poema “Was wahr ist”
- 5 – Apresentação de trechos da prosa bachmanniana (“Drei Wege zum See”, *Malina*)

1926, Klagenfurt (Áustria) – 1973, Roma (Itália).

Poeta, contista, romancista e libretista.

Morou e produziu na Áustria, na Alemanha, na Itália e na Suíça; com passagem pelos Estados Unidos a convite da Universidade de Harvard.

“Repräsentantin der jungen ‘deutschen’ Literatur” (HÖLLER 2009: 74)

“[Ihre Gedichte seien die] “neue Römische Elegien”.” (Idem: 75)

Os jovens juízes do Prêmio do Grupo 47 anunciaram, no momento de sua entrega, que eles consideravam aquele punhado de poemas de Bachmann, ainda não publicados, os melhores poemas em alemão de toda a sua geração.”” (cf. HÖLLER 2009)

Obras (uma seleção)

Poemas

1953: *Die gestundete Zeit*

1956: *Anrufung des Großen Bären*

Contos

1961: *Das dreißigste Jahr*

1972: *Simultan*

Romance

1971: *Malina*

Peças radiofônicas

1958: *Der gute Gott von Manhattan*

Libretti

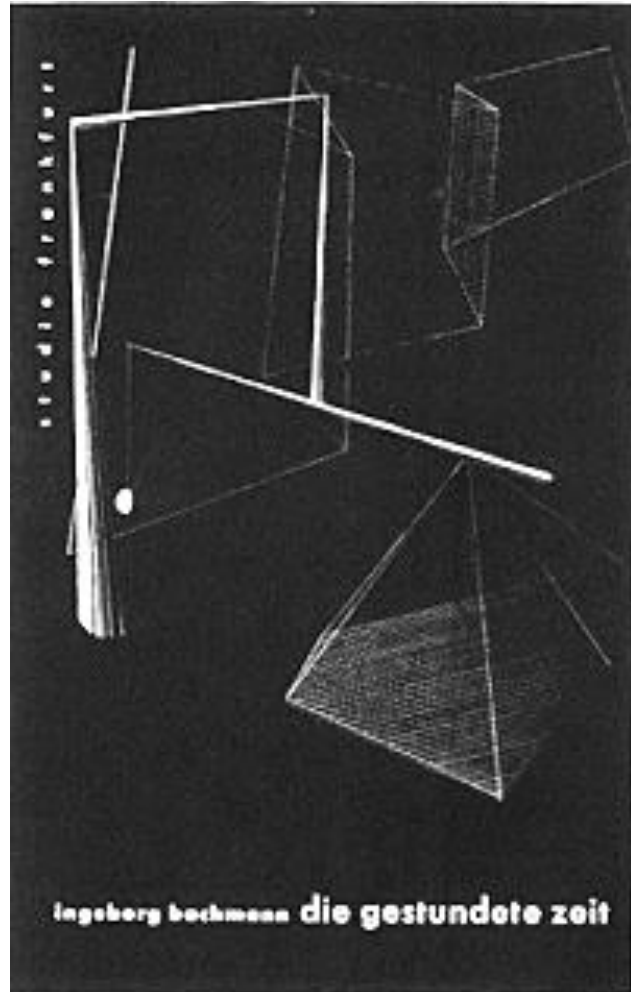
1952: *Ein Monolog des Fürsten Myschkin*

1960: *Der Prinz von Homburg*

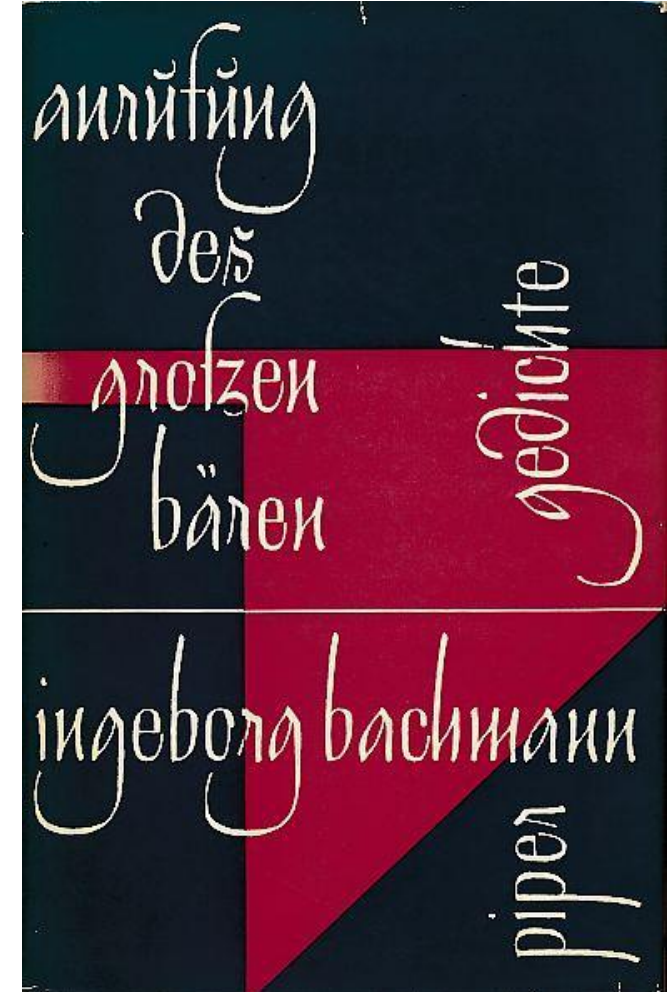
1965: *Der junge Lord*

Além de traduções (Thomas Wolfe, Giuseppe Ungaretti), ensaios e discursos.

1953: *Die gestundete Zeit*



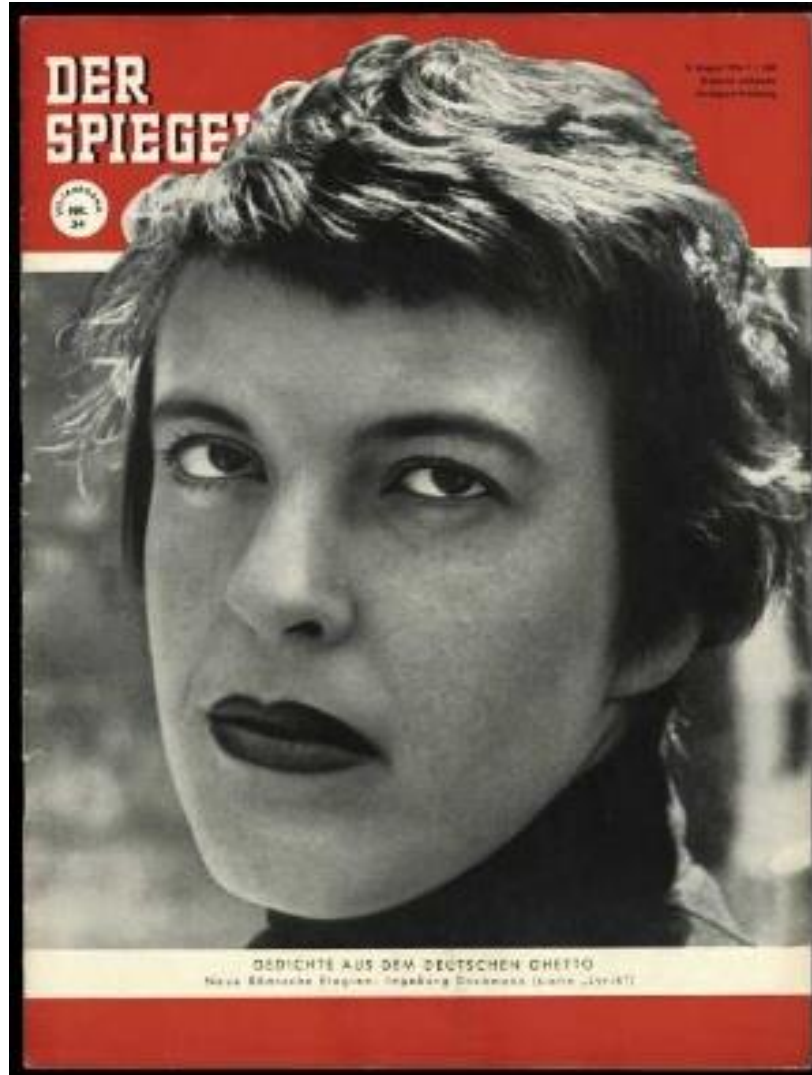
1956: *Anrufung des Großen Bären*



Reunião do **Gruppe 47**



Der Spiegel (18 de agosto de 1954)



Anotações de Bertolt Brecht (1898-1956)

Abschied von England

Ich habe deinen Boden kaum betreten,
schweigsames Land, kaum einen Stein berührt,
ich war von deinem Himmel so hoch gehoben,
so in Wolken, Dunst und in noch Ferneres gestellt,
daß ich dich schon verließ,
als ich vor Anker ging.

Du hast meine Augen geschlossen
1 mit Meerhauch und Eichenblatt,
von meinen Tränen begossen,
2 hieltst du die Gräser satt;
aus meinen Träumen gelöst,
4 wagten sich Sonnen heran
doch alles war wieder fort,
3 wenn dein Tag begann.
Alles blieb ungesagt.

Durch die Straßen flatterten die großen grauen Vögel
und wiesen mich aus.
War ich je hier?

Ich wollte nicht gesehen werden.
[...]

“(...) equal to the best of
Virginia Woolf and Samuel Beckett.”
(FILKINS: 1991)

Traços da obra de Ingeborg Bachmann



Bachmann e o compositor
Hans Werner Henze
(1926-2012)

Tensão constante entre tradição e modernidade, entre o antigo e o novo.

Trabalho a partir das células métricas, mesmo (e principalmente) nos poemas em verso livre.

Ressignificação das imagens e formas tradicionais da poesia germanófono (o imaginário bucólico se torna sombrio; formas como a balada aparecem quebradas em meio ao verso livre [“Früher Mittag”]; os conflitos imagéticos, rítmicos e conceituais se mantêm tensionados, não se solucionam).

“*Die gestundete Zeit* schlug das Thema der Literatur der frühen fünfziger Jahre an: die nicht genützte Chance für den gesellschaftlichen Neubeginn, das bedrohliche ‘Noch’ und ‘Schon wieder’.” (HÖLLER 2009: 77)

“In den Frankfurter Poetik-Vorlesungen, gehalten unter dem Titel *Probleme zeitgenössischer Dichtung*, spricht Ingeborg Bachmann über die Aufgabe des Dichters, *seine Zeit zu repräsentieren, und etwas zu präsentieren, für das die Zeit noch nicht gekommen ist*, über ihre Sprach-Utopie, die eine Ethik des Schreibens impliziert und Kunst und Moral nicht voneinander trennt – *Keine neue Welt ohne neue Sprache* [frase do conto “Alles”]; [...].” (Idem: 107)

[...] Sinn für die noch nicht geborene Wirklichkeit, also die Möglichkeit. [...] sich anstrengen müssen mit der schlechten Sprache, die wir vorfinden, auf diese eine Sprache hin, die noch nie regiert hat, die aber unsere Ahnung regiert und die wir nachahmen. [...] (BACHMANN 2011b: 94)

“[...] uma mente [atenta à] realidade ainda não nascida, ou seja, à possibilidade. [...] é preciso esforçar-se contra a linguagem ruim que descobrimos à nossa volta, [é preciso esforçar-se] em direção àquela linguagem que ainda não regeu, mas que rege nossos pressentimentos e que nós buscamos.” (BARRETO 2018: 87)

Dieses Brot müsste zwischen den Zähnen knirschen und den Hunger wiedererwecken, ehe es ihn stillt. Und diese Poesie wird scharf von Erkenntnis und bitter von Sehnsucht sein müssen, um an den Schlaf der Menschen rühren zu können. Wir schlafen ja, sind Schläfer, aus Furcht, uns und unsere Welt wahrnehmen zu müssen. (BACHMANN 2011b: 94)

“Esse pão precisaria estalar entre os dentes e redespertar a fome antes de saciá-la. E essa poesia precisaria ser acre de reconhecimento e amarga de saudade para atingir o sono das gentes. Porque nós dormimos, somos aqueles que dormem de medo de precisarmos apreender ao mundo e a nós mesmos.” (BARRETO 2018: 87)

A utopia da linguagem/língua bachmanniana à qual Höller se refere acima é um ponto central em sua poética: através dos meios linguísticos, a poeta procura “[...] nicht nur verdichten, was alltäglich ist, sondern andeuten, was darin noch nicht ist.” (BORMUTH 2004).

Amparada pela leitura de filósofos como Kant, Heidegger e Wittgenstein (afinal, cabe lembrar que Ingeborg Bachmann era doutora em Filosofia com tese defendida acerca da obra de Heidegger) e também de outros escritores, como Robert Musil e Paul Celan, Bachmann busca a concepção de uma nova linguagem dentro ou além da língua alemã, uma linguagem capaz de corporificar e simultaneamente criar a utopia, sendo por ela também corporificada e criada – “Keine neue Welt ohne neue Sprache”, como citado por Höller a partir do conto “Alles”.

A “linguagem ruim” (schlechte Sprache) ou “linguagem vigarista” (Gaunersprache), que pudera sustentar os horrores do nazismo, alguns anos antes, e da Primeira Guerra; que pudera, em sua assepsia assustadora, montar um amplíssimo sistema burocrático de extermínio; essa linguagem não podia ser a linguagem da poesia. Ao mesmo tempo, para desespero do artista, ela é a *única possível*. Nesse impasse, no entanto, o artista pode presumir que uma linguagem que encarnasse e produzisse tais horrores deveria, então, supor uma outra linguagem, oposta, uma “linguagem justa/boa” (gute Sprache), que poderia por sua vez encarnar e produzir uma vida outra: justa, forte, bela, na qual o mais íntima e inerentemente humano seria realidade dentro da arte (cf. BARTSCH 1988); e que, por definição, seria buscada pelo artista, mas jamais ou apenas de leve atingida.

(BARRETO 2018: 86)

“Die gestundete Zeit” / “O tempo postergado”

“Die gestundete Zeit“

Es kommen härtere Tage.
Die auf Widerruf gestundete Zeit
wird sichtbar am Horizont.
Bald mußt du den Schuh schnüren
und die Hunde zurückjagen in die Marschhöfe.
Denn die Eingeweide der Fische
sind kalt geworden im Wind.
Ärmlich brennt das Licht der Lupinen.
Dein Blick spürt im Nebel:
die auf Widerruf gestundete Zeit
wird sichtbar am Horizont.

Drüben versinkt dir die Geliebte im Sand,
er steigt um ihr wehendes Haar,
er fällt ihr ins Wort,
er befiehlt ihr zu schweigen,
er findet sie sterblich
und willig dem Abschied
nach jeder Umarmung.

Sieh dich nicht um.
Schnür deinen Schuh.
Jag die Hunde zurück.
Wirf die Fische ins Meer.
Lösch die Lupinen!

Es kommen härtere Tage.

u – u – u u – u
u u – u (–) u – u u –
u – u u u u –
– – u u – – u
u u – u u – (–) u u u – – u
(–) u – u (–) u u – u
u – u – u u –
– u – u – u u – u
u – (–) u – u
u u – u (–) u – u u –
u – u u u u –

– u u – (–) u u – u u –
u – u u – u u –
u – u u –
u u – u u – u
u – u u – u
u – u u – u
u – u u – u

– u u –
– u u –
u u – u u –
u u – u u –
– u u – u

u – u – u u – u

“O tempo postergado”

Dias piores virão.
O tempo por ora postergado
se mostra no horizonte.
Logo terás de atar teu sapato
e fazer com que os cães voltem ao pátio.
Pois que as tripas dos peixes
esfriaram expostas.
Débil arde a luz dos lupinos.
Tua vista peleja na névoa:
o tempo por ora postergado
se mostra no horizonte.

Tua amada afunda ali no areal,
ele envolve o cabelo ondulante,
ele lhe corta a palavra,
ele lhe ordena que cale,
ele a tem por efêmera
e disposta ao adeus
a cada abraço.

Nada procures.
Ata o sapato.
Faz que voltem os cães.
Lança os peixes ao mar.
Extingue os lupinos!

Dias piores virão.

– u u – u u –
u – u u – u u u – u
u – u u u u – u
– u u – u – u u – u
u u – u u – – u u – u
– u – u u – u
u u – u u – u
– u – u – u u – u
u u – u u – u u – u
u – u u – u u u – u
u – u u u – u

– u – u – u – u u –
u u – u u – u u – u
– u u – u u – u
– u u – u u – u
– u u – u u – u u
u u – u u –
u – u u – u

– u u – u
– u u – u
u u – u u –
u u – u u –
u – u u – u

– u u – u u –

(BARRETO 2018: 98)

“Was wahr ist” / “Verdade”

“Was wahr ist”

Was wahr ist, streut nicht Sand in deine Augen,
was wahr ist, bitten Schlaf und Tod dir ab
als eingefleischt, von jedem Schmerz beraten,
was wahr ist, rückt den Stein von deinem Grab.

u – u – u – u – u – u
u – u – u – u – u –
u – u – u – u – u – u
u – u – u – u – u –

Was wahr ist, so entsunken, so verwaschen
in Keim und Blatt, im faulen Zungenbett
ein Jahr und noch ein Jahr und alle Jahre –
was wahr ist, schafft nicht Zeit, es macht sie wett.

u – u – u – u – u – u
u – u – u – u – u –
u – u – u – u – u – u
u – u – u – u – u –

Was wahr ist, zieht der Erde einen Scheitel,
kämmt Traum und Kranz und die Bestellung aus,
es schwillt sein Kamm und voll gerauften Früchten
schlägt es in dich und trinkt dich gänzlich aus

u – u – u – u – u – u
– – u – u (–) u – u –
u – u – u – u – u – u
– u u – u – u – u –

“Verdade”

Verdade não te lança areia aos olhos;
verdade pedem-te o sono e a morte,
àquele que é por dores instruído;
a pedra da tua tumba ela remove.

u – u – u – u – u – u
u – u – u (–) u – u – u
u – u – u – u (–) u – u
u – u (–) u – – u u – u

Verdade fugidia e já tão gasta
no ramo e no botão, na improdutiva
língua, deitada enquanto o tempo passa.
Verdade perde tempo e o reabilita.

u – u (–) u – u – u – u
u – u (–) u – u (–) u – u
– u u – u – u – u – u
u – u – u – u (–) u – u

Verdade estende uma mecha da Terra,
desembaraça sonho, láurea, arado,
prepara o pente e, entre frutos colhidos,
golpeia e bebe-te de cima a baixo.

u – u – – u – u u – u
u (–) u – u – u – u – u
u – u – – u – u u – u
u – u – u (–) u – u – u

Was wahr ist, unterbleibt nicht bis zum Raubzug,
bei dem es dir vielleicht ums Ganze geht.
Du bist sein Raub beim Aufbruch deiner Wunden;
nichts überfällt dich, was dich nicht verrät.

u – u – u – u (–) u – u
u – u – u – u – u –
u – u – u – u – u – u
– – u – u – u – u –

Verdade não se esconde até o assalto
que poderia ser tua ruína.
Ela arrebenta-te a ferida: és presa;
nada que não te trai te invadiria.

u – u – u – u – u – u
u (–) u – u – – u u – u
– u u – u (–) u – u – u
– u u – u – u (–) u – u

Es kommt der Mond mit den vergällten Krügen.
So trink dein Maß. Es sinkt die bittre Nacht.
Der Abschaum flockt den Tauben ins Gefieder,
wird nicht ein Zweig in Sicherheit gebracht.

u – u – u (–) u – u – u
u – u – u – u – u –
u – u – u – u (–) u – u
u – u – u – u (–) u –

A lua vem com bile nos seus vasos.
Bebe o que é teu. A noite desce, amarga.
A espuma mancha a plumagem das pombas,
e agora em segurança já não há nada.

u – u – u – u (–) u – u
– u u – u – u – u – u
u – u – u u – u u – u
u – u (–) u – u – u – u

Du haftest in der Welt, beschwert von Ketten,
doch treibt, was wahr ist, Sprünge in die Wand.
Du wachst und siehst im Dunkeln nach dem Rechten,
dem unbekannten Ausgang zugewandt.

u – u (–) u – u – u – u
u – u – u – u (–) u –
u – u – u – u – u – u
u – u – u – u – u –

Ficaste preso ao mundo, acorrentado,
mas a verdade faz fendas nos muros.
Tu velas e procuras entre o breu
o Certo; e a saída lá no escuro.

u – u – u – u (–) u – u
u (–) u – u – – u u – u
u – u (–) u – u – u –
u – u (–) u – u – u – u

Trecho do romance *Malina* (1971)

Ein Tag wird kommen, an dem die Menschen die Savanne und die Steppen wiederentdecken, hinauströmen werden sie und ihrer Sklaverei ein Ende machen, die Tiere werden unter der hohen Sonne zu den Menschen treten, die frei sind und sie werden in Eintracht leben, die Riesenschildkröten, die Elefanten, die Wisente, und die Könige des Dschungels und der Wüste werden sich mit den befreiten Menschen vereinbaren, sie werden aus einem Wasser trinken, sie werden die gereinigte Luft atmen, sie werden sich nicht zerfleischen, es wird der Anfang sein, es wird der Anfang sein für das ganze Leben. [...] Ein Tag wird kommen, an dem die Frauen rotgoldene Augen haben, rotgoldenes Haar, und die Poesie ihres Geschlechts wird wieder erschaffen werden. (BACHMANN 2012: 124 e 140)

“Virá um dia no qual as gentes redescobrirão savana e estepes e fluirão adiante e porão fim à sua escravidão, e as feras se dirigirão às gentes debaixo do altíssimo sol, livres, e viverão em harmonia as tartarugas gigantes, os elefantes, os bisões, e os reis da selva e do deserto se conciliarão com as libertas gentes, e beberão de uma mesma água e respirarão o ar purificado e nunca se dilacerarão, esse será o início, esse será o início de toda a vida. [...] Virá um dia no qual as mulheres terão olhos rubro-áureos, rubro-áureos cabelos, e a poesia de seu sexo será reconcebida.” (BARRETO 2018: 123)

Obrigado!

e-mail: matheus.barreto@usp.br



Referências bibliográficas

BACHMANN, Ingeborg. *Frankfurter Vorlesungen: Probleme zeitgenössischer Dichtung*. München, Piper, 2011b.

_____. *Malina*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2012.

_____. *Sämtliche Gedichte*. München, Piper, 2011.

BARRETO, Matheus. *O aspecto rítmico na tradução de cinco poemas de Ingeborg Bachmann*. Dissertação de mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-29102018-134609/pt-br.php> (acesso em: 15 de novembro de 2018)

BARTSCH, Kurt. *Ingeborg Bachmann*. Stuttgart, Metzler, 1988.

BORMUTH, Matthias. “Utopie und Sprache bei Ingeborg Bachmann”. *Parapluie*, n. 19, verão de 2004. Disponível em: <https://parapluie.de/archiv/worte/bachmann/> (acesso em 16 de novembro de 2018).

FILKINS, Peter. The Murderer in Her Dreams. The New York Times, New York, 10 de fevereiro de 1991. Sunday, Late Edition – Final. Disponível em: <https://www.nytimes.com/books/99/10/03/nnp/bachman-malina.html> (acesso em: 15 de novembro de 2018)

HÖLLER, Hans. *Ingeborg Bachmann*. 5. Aufl. Reinbek, Rowohlt, 2001.